

## EPISTEMOLOGIA DO REAL E DO FICCIONAL EM ZULMIRA TAVARES

### *EPISTEMOLOGY OF THE REAL AND THE FICTIONAL IN ZULMIRA TAVARES*

Camila Pilotto Figueiredo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo investigar como questões epistemológicas que envolvem as noções de realidade, apreensão da realidade e conhecimento surgem e se conectam em dois contos de Zulmira Tavares (2012): “Senso comum e o bichinho roedor” e “Realidade/realidade”. A partir daí, busca-se evidenciar como a autora compreende que a ficção é produtora de sentido.

Palavras-chave: realidade; sentido; ficção.

**ABSTRACT:** This article aims to investigate how epistemological subjects involving the notions of reality, apprehension of reality and knowledge arise and connect to each other in two of Zulmira Tavares’s tales (2012): “Senso comum e o bichinho roedor” and “Realidade/realidade”. After that, we seek to show how, in Tavares’s perspective, these notions help to form the view that fiction is a producer of meaning.

Keywords: reality; meaning; fiction.

### 1. INTRODUÇÃO

Zulmira Tavares é uma escritora paulista que se dedicou a construir romances, contos, poemas e ensaios. Apesar de ser pouco conhecida, chama atenção por seu estilo objetivo e particular de escrita, o qual explora os limites entre os gêneros literários, além de abordar questões cotidianas com humor e ironia bastante refinados, o que lhe permite refletir acerca de diversas temáticas que vão além da vida cotidiana por ela retratada.

---

<sup>1</sup> Doutoranda, UFPel.

Com formação filosófica, através de longos anos de estudos com Anatol Rosenfeld (SPAREMBERGER; COELHO, 2019), a autora frequentemente traz à tona em seus contos questões epistemológicas, relativas às condições de possibilidade do conhecimento. Em seu ensaio *Ficção e conhecimento* (1974), Tavares explica que antes de tratar do problema de como a literatura se torna produtora de sentido, é necessário abordar as questões da realidade, da apreensão da realidade e do conhecimento. Isso indica que tais questões epistemológicas, que são a base para se pensar nas construções de sentido do real, auxiliarão também na clarificação da temática de produção de sentido na literatura. Assim, tratar das questões da realidade, da apropriação da realidade e do conhecimento, envolve tratar da relação entre objetividade/objeto e subjetividade/sujeito.

Tendo em mente o que foi dito, o presente trabalho visa analisar como conceitos epistemológicos relacionados à ideia de apreensão/conhecimento do real aparecem e se conectam nos contos denominados “O senso comum e o bichinho roedor” (2012) e “Realidade/realidade” (2012). A partir de tais reflexões, buscaremos evidenciar como os conceitos mencionados levam à reflexão da autora acerca da produção de sentido na ficção.

A metodologia empregada é de cunho bibliográfico, tendo como obras principais os mencionados contos de Tavares, bem como seu ensaio *Ficção e conhecimento* (1974). Como obras de apoio, serão utilizados livros e artigos que auxiliem no desenvolvimento da temática abordada, bem como uma entrevista concedida por Tavares em 1999. O leitor perceberá que serão evocadas com frequência obras e temáticas filosóficas, o que vai ao encontro da reflexão da autora no ensaio mencionado.

## 2. EPISTEMOLOGIA NA FICÇÃO

Em “O senso comum e o bichinho roedor” (2012), conhecemos o protagonista Felipe Arantes, um perfeccionista cujo anseio de compreender a realidade limita seu modo de ver o mundo, fazendo com que ele acabe se afastando da realidade devido à rigidez empregada para apreendê-la.

No início do conto, Felipe constata a necessidade de ir a um clínico geral após ter uma vertigem. A tontura fora ocasionada pelo excesso de tempo em que se mantivera observando, de cabeça baixa, pequenas imperfeições em seu par de sapatos engraxados.

Após ter conhecimento da causa da vertigem, o clínico geral encaminha Felipe a um analista. Durante a consulta, ele explica que Felipe é um perfeccionista, indicando que ele busque se aproximar mais do senso comum. Tais palavras desencadeiam no personagem uma longa reflexão acerca de qual seria o conceito de senso comum.

A reflexão do protagonista choca, visto que não se espera que um indivíduo esteja tão distante do senso comum a ponto de nem sequer saber seu significado e que, ainda, necessite de conceituação muito bem definida para compreendê-lo. Em suma, o personagem é tão racional, está tão alheio ao senso comum, que tal noção para ele se torna sem sentido.

No que tange a esse aspecto, Felipe é a caricatura do positivismo lógico. Lembremos que, para o *Círculo de Viena*, apenas proposições empiricamente verificáveis tinham sentido. Assim, o positivismo tinha como uma de suas bases a crença de que o conhecimento só seria possível através da observação dos fatos e da demonstração lógica (DORTIER, 2000). Segundo Boaventura Sousa Santos (2008), para essa escola, o conhecimento do senso comum era considerado o oposto do conhecimento científico. Logo, tudo que provinha dele, bem como das humanidades, áreas consideradas não-científicas, era visto como *perturbador*.

Aliás, no que diz respeito ao modo de raciocínio do personagem, ao longo do conto, percebe-se que Felipe vai realizando um encadeamento de inferências lógicas que vai se complexificando de modo a afastá-lo cada vez mais da realidade. Seria o senso comum à média, os estereótipos, o bom senso? (TAVARES, 2012). Já que o raciocínio não o leva à compreensão do termo, há um momento em que Felipe tenta com todas as forças imaginar o senso comum, mas não consegue, pois não se trata de um fato empírico.

Mais tarde, o protagonista acaba reconhecendo: “Realmente o senso comum me foge. Não se prescinde de um certo planejamento nas coisas; é o que constato” (TAVARES, 2012, p. 68). As consequências, para o personagem, são o agravamento da dificuldade de interação bem-sucedida tanto no âmbito pessoal quanto no profissional.

Ao final do conto, o analista pede a Felipe que saia um pouco de si mesmo e olhe para o mundo. O resultado é que o protagonista lembra de uma aula antiga de geografia em que lhe fora ensinado que, ao se caminhar sempre em linha reta e para a frente, chega-se ao ponto de partida. A partir daí, segue-se uma série de raciocínios pouco compreensíveis que o leva a concluir que no espaço entre um passo e outro é onde residem as coisas. Felipe convence-se, então, de que a lógica é o meio de alcance do conhecimento, da verdade: “Ah! aconteça o que acontecer, nunca mais abdicarei da lógica!” (TAVARES, 2012, p. 71). Termina, assim, diagnosticado como louco.

Segundo Josiel Batista *et. al.*, o positivismo, que possui fundamentação empirista, busca, na observação dos fatos, estudá-los de maneira distanciada, visto que a interferência do sujeito seria um fator impossibilitante do conhecimento puro. (BATISTA *et. al.*, 2017).

Para Felipe, é necessário haver separação entre sujeito e objeto, pois a verdade do senso comum, se houvesse alguma a encontrar, só poderia ser alcançada mediante

a observação em conjunto com a lógica. Felipe busca a objetividade pura, independente da interferência do sujeito. Ele busca a “coisa em si-mesma”<sup>2</sup>.

Tavares (1974), baseada no filósofo da ciência Mario Bunge, afirma que essa busca por uma descrição pura, livre do incômodo das teorias e dos preconceitos advindos da interpretação, não passa de um mito inventado pelo positivismo. Assim, a tarefa da ciência não se resume a descrever fatos; ela é descritiva, mas também explicativa. Mesmo que descrição e explicação sejam distintas, isso não significa que sejam separáveis.

Outro ponto em que Tavares se distancia peremptoriamente do positivismo lógico refere-se ao critério da verificabilidade para distinguir aquilo que tem significado, sentido, daquilo que não tem. Túlio Aguiar (1995) explica que há duas classes de proposições significativas para o positivismo: proposições tautológicas, formais, como as pertencentes à lógica e à matemática; e proposições fáticas, verificáveis empiricamente. Logo, qualquer coisa que não se encaixe numa dessas acepções não é considerada uma proposição e não tem, portanto, sentido<sup>3</sup>.

Tavares (1974), em contraposição a isso, afirma claramente que “é na ficção que a característica da linguagem natural como produtora de sentido se manifesta de modo mais radical” (p. 234). Notemos, nessa afirmação de Tavares, dois aspectos: linguagem natural, nesse contexto, se contrapõe à linguagem artificial da lógica, que tinha como objetivo corrigir a linguagem natural de suas imperfeições, como vaguezas

---

<sup>2</sup> Utilizo propositalmente esse conceito por ser conhecido que Zulmira Tavares estudou por muitos anos o pensamento kantiano. Essa influência se mostra tão grande que, na obra *Termos de comparação* (1974), a autora escreveu um conto intitulado “A coisa em si”. No ensaio que utilizarei como suporte para a análise dos contos da autora — presente na mesma obra —, Tavares faz alusão a essa noção em vários momentos. (Cf. TAVARES, 1974; 2012).

<sup>3</sup>Na obra *Tractatus-Logico-Philosophicus*, que inspira o desenvolvimento das teses dos positivistas lógicos, Ludwig Wittgenstein afirma que não podemos dizer nada sobre as asserções da ética, estética e metafísica. Sua última proposição indica a atitude que se deve ter acerca das afirmações dessas áreas: “O que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 1994, §7).

e ambiguidades, livrando o cientista do asco por ela acarretado<sup>4</sup>. Ainda, não só o sentido é produzido pelo uso da linguagem natural, como o ápice de sua produção se radicaliza na ficção, na arte, que está longe de ser formada por proposições formais ou fáticas.

Por essa razão, Felipe tem ojeriza à linguagem natural: “São como palavras [as baratas]! A nojenta! Têm patas por todos os lados e fogem! [...] E se a gente consegue colocar o pé em cima, nem por isso, é a mesma porcaria por todos os lados!”. (TAVARES, 2012, p. 63).

Se é na linguagem natural que encontraremos a produção de sentido, isso se deve ao fato de que apenas a linguagem comum engloba as práticas e processos que formam o âmbito da ação humana (TAVARES, 1974). Isso significa que a mobilidade inerente à humanidade impede uma formalização que descreva o sentido das ações humanas, que ocorrem via interpretação. É por isso que Tavares rejeita a semântica estrutural, a qual, para a autora, reduz a geração de sentido à sintaxe, empobrecendo o sentido<sup>5</sup>.

A busca por uma realidade objetiva também aparece no conto “Realidade/realidade”. A história narra as percepções de Helena ao longo de sua vida, as quais se confrontam com seu século e se modificam ao longo de seu passar.

---

<sup>4</sup> Considerado o fundador da lógica matemática moderna, Gottlob Frege retoma interesses clássicos da filosofia, interesses já presentes em Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, buscando compreender como é possível ao pensamento comunicar conhecimento. Entretanto, considera que só podemos pensar através da linguagem e que as línguas naturais não nos permitem expressão perfeita do pensamento, visto que são sujeitas a erros, como ambiguidades e vagueza. Se deparando com tal problema, buscou construir uma linguagem que, com poucos símbolos, pudesse exprimir com exatidão todas as formas linguísticas, o que resultou no *Cálculo de Predicados*. (Cf. OLIVEIRA, 2015).

<sup>5</sup> Logo no início do ensaio *Ficção e Conhecimento* (1974), Tavares deixa claro seu afastamento de uma busca pelo sentido a partir de uma Semântica Estrutural: “O isolamento de unidades de significação (semas) dentro da Semântica Estrutural disposta a estabelecer categorias semânticas e desvelar estruturas de enredo, nada tem a ver com esse trabalho. Não só porque tenho sérias dúvidas de que a significação (ou o plano do sentido) possa ser razoavelmente “descrita” a partir de tal método. O nível do sentido a meu ver nega a “estabilidade” e o “isolamento” de unidades mínimas, sendo a sua essência: aglutinante, móvel e expansiva, o que, acredito, será em parte demonstrado ao longo do trabalho”. (TAVARES, 1974, p. 198).

O conto se inicia já com duas versões de uma mesma realidade. Helena, ainda criança, observa um homem que está, ao fim da tarde, deitado com a cabeça em direção ao mar e com a pele azulada na sombra. Apesar de tudo, julga ser um homem tomando banho de sol. Ao visualizar a cena, sua empregada grita para Helena que se trata de um afogado trazido pelo mar.

Mais tarde, os pais de Helena, inquirindo sobre a situação, julgam que a menina ainda não tem noção do real. Assim, levantam a hipótese de que é míope e a levam ao médico, que confirma seu problema de visão. Sua visão se mostra "defeituosa", captando o real repleto de borrões e imperfeições.

Helena ganha, ainda quando pequena, uma máquina fotográfica de seu pai, que passa a servir para revelar a realidade a cores, assim como seus óculos ou as lentes de contato buscam lhe permitir uma visão nítida e real do mundo. O inverso, a realidade distorcida pela miopia, se aproxima do negativo da foto, em que as imagens estão dispostas de modo contrário e confuso.

Não bastasse a distorção da visão, há a dificuldade de encontrar o real em si na visão de mundo das pessoas. Mesmo uma conversa com seu avô se torna frustrante pelo fato de não haver partilhamento de pressupostos básicos de linguagem, como a compreensão do uso de metáforas explicativas.

Não obstante, Helena demonstra, em diversos momentos do conto, ter a esperança de apreender a realidade em si mesma, assim como ocorre com o personagem Felipe. Aliás, Helena, quando jovem, passa a fazer parte de uma vertente da fotografia chamada *Corretiva*, que se caracteriza por ser “uma corrente estética que procura corrigir as deformações que um eu, insuficientemente objetivado, introduz no real” (TAVARES, 2012, p. 48).

É importante notar que essa corrente não nega o envolvimento do indivíduo na produção do real; nega, entretanto, que esse envolvimento permita a apreensão do real. Aqui entendemos que há, novamente, a crença de que sujeito e objeto são entes

separados e que, para haver conhecimento, não pode haver envolvimento entre os dois.

Apesar de participar da *Corretiva*, a protagonista manifesta hesitação acerca de suas premissas. Isso ocorre, em certa ocasião, diretamente, quando Helena tenta questionar seu namorado, forte defensor do movimento. Após a afirmação dele de que “a arte é o melhor instrumento para captar o real”, Helena questiona: “Mas Gilbert, o real mesmo, para ser captado, precisa antes estar bem claro, quero dizer, a gente precisa saber onde ele está, isto é...” (TAVARES, 2012 p. 43).

Essa incerteza também se revela justamente por Helena buscar empregar metáforas para explicar a seu avô o que seja justiça, quando essa corrente fotográfica vê no emprego de metáforas um modo de afastamento do real.

Por fim, Helena se mostra uma personagem altamente simbólica em suas decisões e em suas falas, o que é condenado pela *Corretiva*. Embora o narrador diga que Helena busca perder a virgindade devido a seu amor pelo real, antes de combinar o momento de realização do ato sexual, seu namorado questiona “você sabe como é arriscado qualquer tratamento simbólico da realidade? Você tem certeza do que você quer?” (TAVARES, 2012, p. 46). Helena responde que sim. A perda da virgindade, para ela, simboliza justamente a ruptura com sua classe social, que limita suas possibilidades de ser e atrapalha sua visão do real.

Em suma, Helena é uma personagem contraditória, pois ao mesmo tempo em que espera encontrar uma realidade objetiva, confia demais em recursos simbólicos, se construindo e desconstruindo em sua relação com uma realidade gerada a partir de seu envolvimento nela enquanto sujeito.

Percebe-se que, tanto no caso de Felipe quanto de Helena, o que está por trás de suas preocupações e de seus modos de ser diz respeito ao modo como os personagens veem a realidade e aquilo que buscam nela. Felipe, de tanta rigidez em sua busca, acaba enlouquecendo. Helena tem sorte por não se apegar a essa busca como Felipe e

seguir formando sentido através de seu olhar que vai se modificando, junto com o passar do século.

Zulmira Tavares, conhecida por seu humor ácido e por contos que levam situações ao limite do absurdo, usa a literatura para debochar das tentativas de apreensão da realidade em si. Debocha de Felipe em sua loucura por buscar compreender as palavras de modo extremamente rígido e rigoroso; ironiza as contradições de Helena em sua busca por compreender o real objetivo através de sua própria interferência constante enquanto sujeito.

Percebe-se através dos contos que, para a autora, a apreensão da realidade envolve a relação sujeito-objeto, que implica o questionamento acerca da possibilidade de apreensão de um objeto “em si”. Logo, antes de se questionar se são os sentidos ou a razão que permitem a apreensão do objeto em si, é necessário questionar se é possível ter acesso ao objeto em si e, em caso negativo, se isso invalida a possibilidade de conhecimento.

No ensaio *Ficção e conhecimento* (1974), a escritora deixa claro que não se tem acesso à coisa-em-si e que apreensão da realidade não se distingue de produção da realidade:

O termo “realidade”, definido simplesmente pela linguagem comum como aquilo que “existe verdadeiramente” acha-se já dependente de uma noção composta, a de “apreensão da realidade”. Pois só o que é se faz apreensível, nunca o que não é. Sendo assim, realidade liga-se a conhecimento, uma vez que é esse que a testemunha e a ratifica. O não apreendido resulta no “em si”, como tal, não realizável, não tornado real. De onde se conclui não ser possível a distinção entre “produção da realidade” e “apreensão da realidade”; entre essas duas acepções do realizável, como tornado real e real-produzido. (Vale dizer: não é possível estabelecer a distinção entre a realidade tal como se forma, constitui e emerge e a realidade tal como se forma, constitui e emerge *para o sujeito* que a solicita, testemunha ou condiciona (TAVARES, 1974, p. 207, destaques no original).

Há vários aspectos a sublinhar nessa passagem. Para fins de compreensão, organizemo-los numericamente: (1) Se há a apreensão da realidade, é porque existe

uma realidade. Entretanto, para Tavares, essa realidade não é a “coisa em si”. (2) Se a realidade não é em si, ela é o que se apreende; (3) Se a realidade é aquilo que é apreendido, então o envolvimento do sujeito não só é inevitável como é *constitutivo* da realidade. (4) Nesse sentido, então, apreensão da realidade equivale a produção da realidade.

Produção da realidade não significa, entretanto, subjetividade completa, significa apenas que a objetividade pura<sup>6</sup> é impossível. Em outras palavras, não está autorizado um relativismo que chegue ao ponto de termos que aceitar como igualmente válidas tanto a interpretação de Helena quanto a de sua empregada diante da observação do homem deitado na praia.

É nesse ponto que entra para Tavares a noção de conhecimento. “Conhecer é um ‘conhecer algo’, aquilo que está fora de mim, fora da consciência do sujeito cognoscente na qualidade de objeto a ser conhecido”<sup>7</sup> (TAVARES, 1974, p. 208). O conhecimento, então, é possível mesmo que não haja objetividade pura.

Assim, se vamos falar em conhecimento, ele não pode ser buscado tendo como base o alcance de uma objetividade máxima. Isso ocorre porque “estaria ele [o homem] sempre retido, enredado a certas franjas de seu cotidiano. Franjas ou fios que teceriam determinada teorização sua com materiais de uma experiência anterior”. Ou seja, haveria o “aprisionamento da língua humana no contexto de sua *praxis*, de que resultaria a formação do sentido.” (TAVARES, 1974, p. 203-204).

Essa passagem é de fundamental importância para compreendermos como ocorre o envolvimento do sujeito com relação ao objeto. Todas as experiências anteriores do homem, que envolvem tanto suas ações quanto seus pensamentos, determinam e alargam suas possibilidades de interpretar o mundo; assim, conforme

---

<sup>6</sup> Tavares define objetividade como “a maior retração possível no sujeito em face do objeto, no desejo de apreendê-lo sem distorções”. (TAVARES, 1974, p. 208).

<sup>7</sup> Apesar de reconhecer que substituir a noção de apreensão da realidade por conhecimento não resolve a questão da interação sujeito-objeto, a autora opta por colocar o conhecimento como uma hipótese de trabalho e de vida. (TAVARES, 1974, p. 208).

novas experiências vão sendo adquiridas, as interpretações vão mudando, e novos sentidos vão surgindo, seja com relação ao presente, seja com relação ao passado.

Assim, foram as vivências de Helena ao longo dos anos que permitiram que ela olhasse o passado e o resignificasse; que reconhecesse que o namorado, por quem estivera apaixonada no passado, fedia. De modo similar, foram as vivências de Felipe, seus estudos, suas crenças, que consolidaram sua busca pela apreensão do real objetivo e confirmaram sua necessidade de “jamais abdicar da lógica” (2012, p. 71). Foram tais experiências que limitaram seu modo de ver o mundo e de não conseguir ver sentido naquilo que não segue o rigor empírico e lógico.

Outros conceitos importantes apresentados por Tavares no ensaio *Ficção e conhecimento* (1974) são as noções de descrição, explicação e interpretação, que expressam relações entre sujeito e objeto. A autora entende que tais noções podem aparecer isoladamente, quando se busca observar o mundo; entretanto, quando tratamos do campo da significação, elas se apresentam de modo interdependente.

Assim, no que tange à relação com o objeto, a descrição percorre-o, no sentido de que estaria sempre mantendo o campo estudado, funcionando como mecanismo de internalização do sentido. No que tange à interpretação, ela admite possibilidades explicativas múltiplas e, até certo ponto, provisórias, quanto à realidade, o que significa que estaria sempre desdobrando um campo de estudos em outros; seria um mecanismo de extrapolação. Por fim, quanto à explicação, ela teria o papel de reduzir um objeto a outro, expondo tanto o mecanismo de internalização quanto o de extrapolação<sup>8</sup>.

Para a autora, a produção de sentidos múltiplos sobre o mundo é proporcionada pela interpretação. Assim, quando a ciência, ao buscar um único sentido válido e

---

<sup>8</sup> Tais conceitos são apresentados quando a autora já está fazendo uma reflexão propriamente voltada para a ficção como criadora de sentido; entretanto, ela as descreve abordando seu papel na ciência, seu papel na constituição da visão de mundo pela ótica científica, o que significa que está tratando também de uma perspectiva epistemológica sobre o real.

objetivo, abdica da interpretação e explicação, considera apenas a descrição como relevante para o conhecimento<sup>9</sup>.

Por conseguinte, partindo dessas noções para refletir sobre a interpretação de Helena quanto ao afogado, podemos dizer que sua versão dos fatos não foi validada nem pela empregada nem pelos familiares porque a descrição do corpo limitava as possibilidades de interpretação e de explicação daquilo que fora descrito. Todavia, a interpretação da menina foi possível porque ela, ainda criança, sem experiência da morte, avaliou a situação através de suas próprias experiências sobre o mundo, o que inclui também sua dificuldade de visão, sua idade e seus limites de compreensão na época. Helena, sujeito, produziu a interpretação através dos “materiais de uma experiência anterior” (TAVARES, 1974, p. 203-204).

Assim, quando Tavares está dizendo que somos limitados pela realidade, mas que atribuímos sentido a ela via interpretação guiada pela descrição e explicação, ela trata da produção de sentido num aspecto tanto epistemológico quanto ficcional. Pois, de modo similar, os sentidos produzidos pela ficção também são delimitados pela própria obra e sua interpretação é regulada pela descrição e explicação.

### 3. EPISTEMOLOGIA DO FICCIONAL E SENTIDO

Daquilo que foi apresentado quando abordamos a epistemologia na visão de Tavares, vários aspectos são deslocados para a sua reflexão acerca de como a ficção é produtora de sentido.

A autora, como vimos, ao tratar do fato de considerar que a formação da realidade pressupõe o envolvimento entre sujeito e objeto, se afasta tanto de uma

---

<sup>9</sup> Segundo Tavares (1974), a descrição, isolada das outras noções, faria parte de uma velha concepção de ciência, que buscava classificar, enumerar, isolar ao máximo o objeto estudado dos campos conexos. Ao longo do tempo, passa a perceber a necessidade de interação com outras áreas do conhecimento, bem como das limitações da via descritiva.

perspectiva objetivista, tal como aquela almejada por Felipe e os positivistas, quanto de uma perspectiva puramente subjetivista, em que a realidade é vista como criação pura do sujeito, sem haver referência ao real.

Essa postura se mantém, então, em suas considerações acerca da ficção. Em uma das poucas entrevistas concedidas pela autora, Tavares afirma:

Veja, considero a forma literária como uma particular configuração da realidade. Isso significa que ela não espelha nem reproduz em sentido estrito, mas estabelece determinado tipo de rede “compreensiva” que ao manifestar-se permite uma nova aproximação, ainda que não exaustiva, da mesma realidade (TAVARES, 1999, s/p).

Há dois aspectos principais a considerar nessa fala de Tavares: seu afastamento de uma visão de literatura como espelho da realidade e sua afirmação da literatura como uma configuração particular da realidade. Consideremos agora o primeiro aspecto de sua fala.

Quando a autora afirma que a literatura não espelha o real, ela se insere no debate literário acerca de como ocorre a relação entre literatura e realidade. Antoine Compagnon, na obra *O demônio da teoria* (2012), mais especificamente em seu capítulo “O mundo”, afirma haver duas teses extremas referentes a essa relação:

[...] segundo a tradição aristotélica, humanista, clássica, realista, naturalista e mesmo marxista, a literatura tem por finalidade representar a realidade, e ela o faz com certa conveniência; segundo a tradição moderna e a teoria literária, a referência é uma ilusão, e a literatura não fala de outra coisa senão da literatura (COMPAGNON, 2012, p. 111).

Tavares (1999), como vimos, rejeita uma perspectiva realista, uma literatura que espelhe a realidade. Compagnon assinala que Phillippe Sollers criticava duramente uma visão realista de literatura, afirmando que o realismo seria um “preconceito que consiste em acreditar que uma escritura deve exprimir alguma coisa que não é dada nessa escritura, alguma coisa sobre a qual a unanimidade pode-se fazer

imediatamente” (SOLLERS, 1965 *apud* COMPAGNON, 2012, p. 95). Pela afirmação de Tavares em sua entrevista, tal crítica seria compartilhada por ela no que tange ao realismo.

Isso significa, então, que Tavares se alinha a uma visão de que a ficção é autônoma, se referindo a ela mesma? Afinal, vimos que, sob o aspecto epistemológico, para a autora, apreensão da realidade é produção da realidade. A escritora se afasta também dessa visão, se considerarmos a segunda asserção mencionada anteriormente em sua entrevista.

Do fato de que a literatura não reproduz a realidade, não se pode depreender que ela não dialogue com o real. A autora explica que literatura e realidade estabelecem uma rede compreensiva, através da qual ocorre uma nova aproximação da mesma realidade. Isso significa que, na literatura, o real se configura de modo diferente, afastando-se assim do próprio real e criando algo novo, que não deixa de se referir a ele.

Sabemos que Tavares traz à tona, em seus contos, situações cotidianas das quais participam personagens bastante comuns. Na mesma entrevista citada anteriormente, o entrevistador afirma que a escritora frequentemente transforma pessoas e situações reais em ficção, questionando como seus amigos íntimos reagem ao serem retratados. A resposta de Tavares em muito ilumina sua visão sobre a configuração do real: “Meus amigos, íntimos ou não, não reagem porque não foram retratados. Nem poderiam ser, pela maneira como entendo a ficção, explicada atrás” (TAVARES, 1999). Isso significa, então, que a realidade não é vista como um retrato; mesmo que a autora se inspire em algum fato ocorrido na realidade, quando o traz para a ficção, ele passa para um domínio cujas relações internas ocorrem de modo distinto, o que proporciona outras significações que não necessariamente aquelas passíveis de serem despertadas diante de uma situação real. É claro que ocorre aproximação, mas não como quando um

pintor impressionista busca reproduzir uma paisagem tal e qual é captada no momento; a relação é, nessa analogia, muito mais próxima a de uma releitura.

Assim como produzimos conhecimento através da relação entre sujeito e objeto (não em si, mas envolto pelo sujeito), também produzimos conhecimento na ficção tendo por limitador o próprio texto e a abertura que ele concede às interpretações.

Logo, assim como é impossível a apreensão da realidade em si, é impossível pensar que o sentido de uma obra ficcional provenha do quão bem ela imita a realidade. Mas isso não significa que possamos interpretar o mundo de qualquer modo, nem que a literatura tenha um afastamento completo do real, com um referente interno que não aponta em nada para a realidade.

Assim, Tavares se aproxima da interpretação de Compagnon (2012) ao procurar um meio termo para a questão de se a literatura se alimenta de literatura ou do mundo. Essa questão se insere em nossa análise porque, assim como percebemos que, para Tavares, dependendo de cada visão epistemológica quanto a sujeito e objeto, o sentido se apresentará de maneira diferente, numa visão epistemológica da ficção, o sentido gerado advirá da relação que se considera haver entre literatura e mundo.

Resta considerar como, para a autora, há abertura e fechamento na literatura, bem como complementar sua visão de como a ficção produz sentido.

Na seção anterior, foram introduzidos os conceitos de descrição, interpretação e explicação, sendo mencionado que, para Tavares, a produção de sentido envolve as três noções simultaneamente. Uma de suas preocupações é não deixar a obra aberta no sentido de qualquer interpretação ser possível. A autora vê, então, na descrição, a possibilidade de fechamento da obra. Nas palavras de Tavares:

Sua abertura reside na interpretação: progressiva, aproximada; seu fechamento na descrição que repõe os limites de uma fabulação. É todavia pela explicação, com seu empobrecimento compreensivo, sua redução do novo ao familiar, que se irá indicar (no atual momento teórico — que fique bem claro — no atual momento teórico) a pista “referencial” que possibilitará ao crítico levantar hipóteses sobre a validade de uma obra. (TAVARES, 1974, p. 238).

Assim, para a escritora, a explicação permite devolver à obra a significação limitada, responsável, fazendo o fechamento necessário no nível do sentido. A explicação compete ao crítico de arte. E nessa relação, a interpretação é que permite os movimentos de deslocamento, troca, substituição e expansão do universo da significação. Reitera-se, pois, um afastamento de uma perspectiva de literatura com referente interno e seu conseqüente relativismo, assim como se mantém a interação entre ficção e mundo atravessada pela noção de conhecimento.

Logo, assim como Felipe e Helena constituem suas identidades a partir de sua visão sobre realidade, conhecimento e mundo — de modo que suas próprias significações do mundo são consequência dessas relações —, de modo análogo, as ficções desenvolvidas por Tavares nos permitem, a cada um dos leitores, a construção e reconstrução das significações nos contos, baseadas em nossas próprias subjetividades, desde que respeitados os limites do texto. E essas significações se constroem em relação com o real cotidiano, em conjunto com o absurdo a que a autora leva os personagens.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, através da densa discussão levantada por Tavares, no aspecto tanto teórico quanto ficcional, que sua literatura é permeada por questões que envolvem tanto a preocupação com o conhecimento da realidade quanto com o conhecimento na ficção. Aliás, nesse artigo buscou-se, por fins didáticos, abordá-las até certo ponto separadamente. A intenção de didatização é a única razão para tal, pois, para Tavares, tais questões se entrelaçam e se confundem a todo o momento.

Vimos que, para a autora, o sentido e o conhecimento são possíveis mesmo que não haja apreensão de uma realidade em si, em que o sujeito esteja dela desconexo. E a

razão para tal é que a realidade se constitui a partir da relação entre sujeito e objeto, as significações são produzidas a partir das interpretações sobre o mundo e o conhecimento é gerado pela regulação da interpretação pela descrição.

Do mesmo modo, a significação na literatura envolve sujeito e objeto, texto e leitor, tendo as possibilidades de leitura permitidas pela interpretação, seu fechamento realizado pela descrição e sua redução do novo ao familiar pela explicação, que cabe ao crítico.

Tais concepções de mundo e de realidade, sendo tão presentes nos personagens dos contos de Tavares (2012) analisados, são reveladas em seus aspectos psicológicos. Crenças, visões de mundo e significação da realidade. Essas noções são uma constante na constituição dos personagens de Tavares. Seria interessante, então, atentar para até onde aparecem essas preocupações nos demais contos da autora.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Túlio Roberto Xavier de. *Epistemologia sem Conhecimento: o ideal de ciência em Karl Popper*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 1995.

BATISTA, Josiel et. al. Sujeito e objeto na produção do conhecimento científico. *ACTIO*, Curitiba, v. 2, nº 3, p. 44-59, 2017.

COMPAGNON, Antoine. "O mundo". In *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

DORTIER, Jean-François. Le Cercle de Vienne et le nouvel esprit scientifique. In *Sciences Humaines*, set, 2000.

OLIVEIRA, Manfredo de Araújo. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.

SPAREMBERGER, Alfeu; COELHO, Lisiane. Ficção e conhecimento: uma abordagem da obra de Zulmira Ribeiro Tavares. *Revista de literatura, história e memória*, v. 15, p. 317-333, 2019.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. Ficção e conhecimento. In *Termos de comparação*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 197-241.

\_\_\_\_\_. *Região: Ficções etc.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. Zulmira Ribeiro, candidata ao Prêmio Multicultural, fala de sua literatura. [Entrevista concedida a] Antônio Gonçalves Filho. *Folha de Londrina*. São Paulo, 5 fev, 1999. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/zulmira-ribeiro-candidata-ao-premio-multicultural-fala-de-sua-literatura-122640.html>. Acesso em 30 ago 2021.

WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

Recebido em: 14/03/2022

Aceito em: 04/10/2022